

suplemento
dominical

rio de janeiro domingo, 12 de outubro de mil novecentos e cinquenta e oito

PAISAGEM PELO TELEFONE

Sempre que no telefone me falavas, parecia que falavas de uma sala tóda de luz invadida,

sala que pelas janelas, duzentas, se oferecia, a alguma manhã de praia, mais manhã porque marinha,

a alguma manhã de praia no prumo do meio-dia, meio-dia mineral de uma praia nordestina,

Nordeste de Pernambuco onde as manhãs são mais limpas, Pernambuco do Recife, de Piedade, de Olinda,

sempre povoado de velas brancas, ao sol estendidas, de jangadas, que são velas mais brancas porque salinas,

que, como muros caídos possuem luz intestina, pois não é o sol quem as veste e tampouco as ilumina,

mais bem, somente as desveste de tóda sombra ou neblina, deixando que livres brilhem os cristais que dentro tinham.

Pois assim no teletone tua voz me aparecia como se de tal manhã estivesses envolvida,

fresca e clara, como se telefonasses despida, ou só de roupa de banho que pouco de tua luz tira,

e até mais, que estavas nua, só de teu banho vestida, que é quando tu estás mais clara pois a água nada embacia

e como o sol sobre a cal dèsses muros que eu dizia a água clara não te açende: libera a luz que possuías.

A Véspera do Livro

Erico Verissimo

Erico Verissimo nasceu em dezembro de 1905, em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, numa família de velhos fazendeiros já em declínio econômico. O pai foi um homem de cidade, fascinado pela Europa, leitor de literatura francesa, admirador da História de Portugal. Verissimo foi boticário, bancário, secretário e, já em Porto Alegre, secretário da revista do Globo. Desde 1931 tem ligações com a literatura do Globo, editora de todos os seus livros. Tradutor, mais de 40 volumes, do inglês, francês, italiano, espanhol. Considera-se, antes de mais nada, um contador de histórias. Gosta principalmente de música, crianças, livros e viagens. Não se leva demasiadamente a sério. Acha que ainda não aprendeu mesmo a escrever, mas tem esperança nos próximos dez anos... Defesta a vida social. Prefere (é claro) música de câmara à música sinfônica. Ainda esta ideia à literatura e confessa seu fascínio pelo conto, a história curta, mais difícil e mais visceralmente artística pelo que exige de contenção, de agilidade, de manejo instrumental. O conto, a música da câmara da ficção.

O Tempo e o Vento

Falando de seus últimos trabalhos, diz Erico Verissimo: "Estou trabalhando no terceiro volume da trilogia O TEMPO E O VENTO. Espero deixar o livro quase todo escrito até janeiro de 59, antes de embarcar para a Europa numa viagem de recreio. Vou deixar os originais de O ARQUIPELAGO numa gaveta e só depois de meio ano começar as correções, modificações, acréscimos e principalmente cortes".

"Esta segunda parte abrange a época entre 1922 e 1945. Tenho uma consciência muito aguda das dificuldades desta obra, principalmente do último volume. O TEMPO E O VENTO é, em última análise, a crônica de uma família, os Terra Cambará. É a história do Sobrado é, mais remotamente, do Rio Grande. Por este motivo, muitas vezes o romancista é obrigado a mencionar fatos, coisas, aspectos sociais que pouco ou nenhum valor estético possuem, mas que valem como documento de uma época. Isso não quer dizer que estou fazendo um romance jornalístico. Ou histórico. O pano de

fundo contra o qual os personagens se movem é tecido de acontecimentos históricos. O resto é ficção."

Caminhos

"Acho que o romancista não deve perder de vista os tradicionais caminhos da ficção. Ele deve contar uma história. Há momentos em que tem de abandonar a sintaxe gramatical para adotar a psicológica. Mas não deve abusar desta última, pois correrá o perigo de escrever uma charada, criar um enigma e não um romance."

O Arquipélago — Planos

"O Arquipélago tem dois planos. Um objetivo e, até onde isso é possível, pessoal. O outro é representado pelas páginas de um caderno (CADERNO DA PAUTA SIMPLES) escrito na primeira pessoa, por um dos personagens, numa linguagem que oscila entre a nota parva e a poesia."

"Este volume está dividido em várias partes cujos títulos aqui são: REUNIAO DE FAMILIA I, LENÇO COLORADO, EM BUSCA DA SALAMANCA, O CAVALO E O OBELISCO, REUNIAO DE FAMILIA II, NOITE DE ANO BOM, A GUERRA DOS OUTROS, REUNIAO DE FAMILIA III. As páginas do Caderno são ensanduichadas entre essas várias divisões do livro."

Por que o Arquipélago ?

"John Donne disse que "homem nenhum é uma ilha"... etc... Florianio, uma das personagens centrais deste volume (um escritor frustrado em busca de raízes), acha que a tragédia de viver reside no fato de que cada homem é uma ilha separada. Existe entre as ilhas do arquipélago humano um desejo e tentativas de comunicação: sinais emfáticos, mensagens em código (cuja chave em muitos casos se perdeu). Constroem-se entre as ilhas pontes, muito frágeis, que o vento e as águas às vezes levam. Da extrema simplicidade da vida narrada no

Walmir Ayala

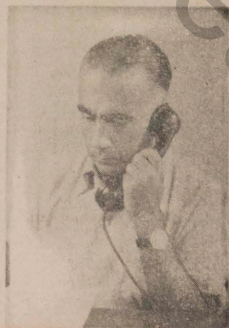
Arquipélago

primeiro volume da trilogia, O CONTINENTE — gente lutando para sobreviver, por adquirir terras, fincar raízes no solo — chegamos à nossa época, em que os problemas se multiplicam e complicam."

"Escrevendo este terceiro volume ocorreu-me que na leida da Salamanca do Jarau, está uma interpretação do Rio Grande, tanto no plano individual como no plano social. Em suma é isto: só o macho, o valente, é que, vencendo perigos e sustos, chega à cova (veja o conteúdo freudiano deste símbolo) e conquista a bela mulher, e encontra o tesouro. Num plano mais de caricatura, a marcha para o Rio na Revolução de Trinta não seria uma nova aventura de Blau Nunes rumo de uma outra Salamanca?"

Erico Verissimo deixa no ar as tónicas de sua problemática: a ilha, a comunicação, a terra. Conta a história sem descurar a universalização da sua linguagem. E sempre uma história local que se projeta. A tentativa exaustiva concentra-se em direção de uma síntese humana perfeitamente válida, num cenário inexplorado da ficção, este de um Rio Grande do Sul selvagem, em marcha. Procura abrir todas as portas, sonda todas as repercussões, objetiva-se, salta sempre pelo mistério de que se rodeiam as descendências mais suaves de seu romance, porque, como ele mesmo diz: "a chave em muitos casos se perdeu"...

NOTA — Devido à grande quantidade de texto concluído de O ARQUIPELAGO, o espaço de 200 linhas foi reduzido.



A. C. M. — Rio — O leitor pergunta por poema enviado há mais de um mês — não recebemos. A correspondência para o Suplemento deve ser dirigida ao Suplemento Domical do JORNAL DO BRASIL, 5º andar.

Correspondência

PALUZ — Rio — Recebemos o conto, "Margarida", cuja história, de maneira suscita, é a seguinte — a mãe de Margarida morreu e a mãe, que foi causadora involuntária da morte, sofre de complexo de culpa. Você faz Margarida começar o conto escapando por um fio de um atropelamento: "Cuidado, Margarida! Estava tão distraída que quase foi atropelada ao atravessar a rua. Se o chofer do loteação não desse um ligeiro e forte golpe de direção..." Logo adiante vem explicada a causa do que aconteceu: "Desde a morte da mãe que estava assim, distraída, irritada e esquecida", Margarida, que antes "parecia mesmo uma autêntica miss!" e que, "alem disso era uma campeã", tendo por dois anos consecutivos (...), acaba sofrendo de "uma psiquialgia". E você termina o conto: — "Não era sem motivo que Margarida estava esquecida. Com um câncer na cabeça tinha que estar esquecida".

O assunto não é novo e nada tem de excepcional, mas achamos que, ainda assim, poderia ter rendido mais. Do modo que está, o conto é muito fraco, Paluz. Querendo, rescreva a "Margarida" e mande para vermos.

A.T.J. — Niterói — Interessante o trabalho enviado. Sê a natureza do tema tratado impede publicação. Mandar mais alguma coisa, chama:

O.T. — Da poetisa O.T. chegamos as mãos um poema sobre "O busto de Bandeira":

"Poeta, ergamos a faixa! Enfim, irã para a praça o busto. Terá seu lugar excelso (e justo)"

Estamos inteiramente de acordo, O.T. Sentimos não ser possível a publicação de todo o poema, devido a problema do espaço. Continuamos às ordens.

A.M. — Rio — "Tenho 17 anos e queria uma apreciação, não tanto sobre a minha poesia, mas sobre minha capacidade. Tenho muita desconfiança própria, e não queria continuar escrevendo sem saber se vale a pena, embora seja uma necessidade". Não há motivo para desconfiança, A.M. Pelo poema enviado com a carta, achamos que você é capaz de vir a escrever boas coisas. O poema, apesar de apresentar certas falhas, apresenta, igualmente, qualidades bastante apreciáveis. Claro que vale a pena continuar, principalmente sendo uma necessidade. Volte quando quiser.

Quando ao livro, o mais aconselhável, caso o leitor esteja interessado numa nota crítica, é enviá-lo para um dos colaboradores da Bibliografia. Pode ser entregue no 5º andar.

N.C.B. — Rio — O poema tem certo tom ingênuo, certa pureza. Infelizmente, está cheio de versos completamente inaceitáveis. Procure evitar as frases feitas, trabalhe mais com a linguagem, e o poema. E volte.

T.S.C. — S. Paulo — Rui Costa Duarte é poeta, tendo dois livros publicados. O nome dos livros de Mário Faustino e de Ferreira Gullar, são, respectivamente, "O Homem e Sua Hora" e a "Lufa Corporal". O Ballet Concreto apresentado por Gilberto Mota, aqui no Rio, é de Lygia Pape e Reynaldo Jardim. Não é incomum algum. T.S.C. Qualquer dúvida, disponha.

A.A. — Rio — Também não nos acreditamos em "solução definitiva e irrevogável para os sempre renovados problemas da criação artística". Igualmente de acordo (e desde agora, sem necessidade de "pôr a mão na consciência", como diz o leitor) quanto à "fase experimental e preparatória". Já a missão dos críticos parece-nos assunto muito complexo e controvertido, e por isso preferimos não opinar. Damos a você o seu "exercício", como você o chama:

LA SI DO RE MI FA SOL LA SI DO FLACIDO RE MI FA SOL LASSIDAO LA SI DO RE MI FA SOL NASCE DO RUMIO FACIL

LA SI DO RE MI FA SOL LA SI DO FLACIDO RE MI FA SOL LASSIDAO LA SI DO RE MI FA SOL NASCE DO RUMIO FACIL

LA SI DO RE MI FA SOL LA SI DO FLACIDO RE MI FA SOL LASSIDAO LA SI DO RE MI FA SOL NASCE DO RUMIO FACIL

LA SI DO RE MI FA SOL LA SI DO FLACIDO RE MI FA SOL LASSIDAO LA SI DO RE MI FA SOL NASCE DO RUMIO FACIL

LA SI DO RE MI FA SOL LA SI DO FLACIDO RE MI FA SOL LASSIDAO LA SI DO RE MI FA SOL NASCE DO RUMIO FACIL

BIBLIOGRAFIA — Valmir Ayala

TEMPOS E COISAS (poesia) CARLOS FERNANDO F. DE ALMEIDA — LIVRARIA SÃO JOSÉ, 25 PÁGINAS — RIO DE JANEIRO-1958

Esse livro, o 1º de seu autor, Carlos Fernando F. de Almeida, apresenta um conjunto de poemas em prosa e em verso, de natureza essencialmente lírica. O estilo é simples e direto, com uma linguagem clara e objetiva. O livro é dividido em duas partes: a primeira, com poemas em prosa, e a segunda, com poemas em verso. O autor demonstra uma grande capacidade de observação e de expressão, conseguindo transmitir com clareza e precisão as suas impressões e sentimentos.

HISTÓRIA DE LA ARQUITETURA MODERNA

BRUNO ZEVI — EMEC EDITORES S.A., 182 PÁGINAS — RIO DE JANEIRO-1958

Publicado originalmente em italiano em 1948, este livro de Bruno Zevi, um dos principais arquitetos modernos, apresenta uma visão crítica e abrangente da arquitetura moderna. O autor discute a evolução da arquitetura desde o início do século XX, abordando movimentos como o expressionismo, o racionalismo e o organicismo. Zevi defende a ideia de uma arquitetura que seja funcional, humana e integrada ao contexto urbano. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da arquitetura moderna.

Na sua "História de la Arquitectura Moderna", Zevi discute a evolução da arquitetura desde o início do século XX, abordando movimentos como o expressionismo, o racionalismo e o organicismo. O autor defende a ideia de uma arquitetura que seja funcional, humana e integrada ao contexto urbano. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da arquitetura moderna.

O livro discute a evolução da arquitetura desde o início do século XX, abordando movimentos como o expressionismo, o racionalismo e o organicismo. O autor defende a ideia de uma arquitetura que seja funcional, humana e integrada ao contexto urbano.

Temas de irrealidade em Antônio Machado

Heitor Martins

Como bem denota Jean Meyers em seu pequeno trabalho (1) sobre a poética de Antônio Machado, são realmente três os elementos principais do tema em que o poeta espanhol se aprofunda: lembranças, galerias e espelhos, tudo formando uma unidade cíclica que pode ser desenvolvida pelo exegeta no sentido de uma maior compreensão das temas: uma repetição típica machadiana e uma fênix em deixar as coisas ditas apenas para metade, fazendo com que o leitor forme mentalmente sua própria imagem da realidade do poeta, fugidia e evanescente.

Galerias que se aprofundam alma adentro em busca de uma expressão do que é inexplicável, uma forma para a eternidade de sentimentos e idéias abstraídas ao máximo; espelhos que refletem esta mesma verdade, identificando-se com a própria alma; lembranças de tempos passados, como fantasmas vão perdendo, como uma pompa de sabão al vônto. Eis, em síntese, o temário poético do grande sevillano. No meio destas galerias de recordações que se refletem interminavelmente, sente o poeta que "uma verdade dita e temblando está de meio". Nesta certeza e neste ditado que se perde na néblua de sua memória dolorida, "de la vida dividida que se jorba al viento", el don preclara de evocar los "suenos", o poeta consegue, todavia, erguer uma alta torre de pensamento, capaz de sereno sua angústia e sua dor.

Ferreira Gullar, Teresa Trota, José Ramos

plac recepção das partes, sem a convenção gramatical. A solução do poema é dada sempre em pausa argumentativa, necessária, não fácil, não eluída".

Naturalmente não faltaram no livro os mais monumentais, como aquele Salmo, escrito em prosa e em verso, que é essencial e mesmo primário. Mas de qualidades, porém, e principalmente, em o aprimoramento de um poeta. A consequência é o discurso amoroso nos moldes de um sedimento duramente humano, o qual vive uma perfeita síntese no maravilhoso e admirável e enorme esforço de linguagem. Carlos Fernando conseguiu unir no livro uma perfeita síntese no maravilhoso e admirável e enorme esforço de linguagem.

HISTÓRIA GERAL DAS CIVILIZAÇÕES

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO está em vista. O livro trata da história da civilização humana, desde os tempos primitivos até o presente. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO está em vista. O livro trata da história da civilização humana, desde os tempos primitivos até o presente. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO está em vista. O livro trata da história da civilização humana, desde os tempos primitivos até o presente. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO está em vista. O livro trata da história da civilização humana, desde os tempos primitivos até o presente. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

Movimento de irrealidade em Antônio Machado

Heitor Martins

Movimento de irrealidade em Antônio Machado. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

Movimento de irrealidade em Antônio Machado. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

MACHADO DE ASSIS (A MEGALOMANIA)

H. PEREIRA DA SILVA — EDITORA BRAND LATA, RIO DE JANEIRO - 1958, 2ª EDIÇÃO, 130 PÁGINAS

A segunda edição do livro "Machado de Assis (A Megalomania)", de H. Pereira da Silva, foi publicada em novembro de 1958. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

HISTÓRIA GERAL DAS CIVILIZAÇÕES

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO está em vista. O livro trata da história da civilização humana, desde os tempos primitivos até o presente. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO está em vista. O livro trata da história da civilização humana, desde os tempos primitivos até o presente. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO está em vista. O livro trata da história da civilização humana, desde os tempos primitivos até o presente. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO está em vista. O livro trata da história da civilização humana, desde os tempos primitivos até o presente. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

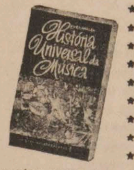
Movimento de irrealidade em Antônio Machado

Heitor Martins

Movimento de irrealidade em Antônio Machado. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

Movimento de irrealidade em Antônio Machado. O autor discute a evolução das sociedades humanas, desde as primeiras formas de organização social até a complexidade das civilizações modernas. O livro é considerado uma obra fundamental para o entendimento da história da humanidade.

Sucesso



HISTÓRIA UNIVERSAL DA MÚSICA. Evolução da Música, Desde os Origens até os Dias Atuais. Vol. 300. 300 páginas — Cr. 4500. Edições Melhoramentos.

Poesia-Exp Mário Evolu A poesia de colônia brasileira-tem sido imo dos chamados de Oliveira Cláudio M. árcade que registra a h- verificado do extremo disciplinas poesia memo de interés apresentar dos versos voas, que poucas edi- tórias, já Chnagen tes, como a A coleção Guismo, poemas, im- lhos, de qual- ques dest- mau, pert

Poesia-Experiência

Mário Faustino

Evolução da poesia brasileira

A poesia dita "gongórica" perdurou na colônia brasileira até a ocorrência do pseudo-classicismo (mesclado, como já tem sido indicado, de pré-romantismo) dos chamados árcades. Entre Botelho de Oliveira, que acabamos de ver, e Cláudio Manuel da Costa, o primeiro árcade que passaremos em revista, registra a história literária numerosos versificadores, em cambiantes que vão do extremo culteranismo às primeiras disciplinas do arcadismo. Toda essa poesia menor é praticamente despidida de interesse. Bastará, nesta revisão, apresentar ao leitor algumas amostras dos versos qualitativamente recuperáveis, que se podem encontrar seja nas poucas edições individuais, seja em antologias, já antigas, como as de Januário da Cunha Barbosa, Adolfo Varughem e Melo Moraes Filho, já recentes, como a (exemplar) de Sérgio Buarque de Holanda.

A coleção de escritos de Alexandre de Gusmão (1695-1753) contém vários poemas, ínglutos, prosaicos e mal acabados, de aprendizagem culterana, dos quais destacamos o seguinte, menos mau, pertencente à velha linhagem do carpe diem:

ODE

Movê incansante as asas incansáveis
O tempo fugitivo,
Atrás não volta, e aquele que nos
Przazer se não dá, sem lenitios [antáveis]
Depois amargamente
Chora o bem que perdeu e o mal que [sente].
Voa de flor em flor na Primavera
A abelha cuidadosa;
Fabrica o doce mel, a branda cêra,
Da suave estação os mimos goza,
Antes que o seco Estio
Abrase o verde campo e sorva o rio.
Dos fechados garmês das loiras eiras
As providas formigas
O boizo trigo, e formam com fadigas
Subterrâneos celeiro,
Antes que as prive o frígido Janeiro.
Em tudo nos descobre a Natureza,
O Marília formosa,
Que é preciso do tempo a ligeireza
Faz-la ao nosso gosto proveitoso;
Para o prazer nascemos,
Em prazeres o tempo aproveitamos.
A Jera, toda mais fera, entre os rochedos
da fragosa montanha,
E às aves nos copulos arvoredos
A paixão não lhes é de amor estranha:
Em doce companhia
Passam o tempo sem perder um dia.
As ternas pomboas, em que amor pin- [tando-se]
Está perfeitamente,
Ora se estão beijando, ora cantando-se
Ora entregues ao seu desejo ardente
Fazem... mas quem ignora?
O que Amor fazer manda quem se [adora].
Vé que nos ternos brincoas destas aves
Te deu, Marília bela,
De amoroso prazer lições suaves
A branda Humanidade: Amor é aquela
Paixão que ela mais preza.
Quem não ama desmente a Natureza.
Tu sabes, ô Marília, que eu te amo,
Que vices no meu peito,

Que é teu nome o nome por quem [chamo]
Tu só por quem a Amor vivo sujeito;
Vem unir-te comigo,
Faremos ao Amor um doce abrigo.
Vem, que ele aqui te espera, aqui o [temos],
Aqui entre os meus braços;
Olla que o tempo foge, e não podemos
O seu curso deter; tem nome os passos,
E aqui, em prazer grato,
Das pomboinhas seremos o retrato.

Antônio José da Silva, chamado "O Judeu", é um dos autores disputados pelas histórias literárias do Brasil e de Portugal. Da poesia que frequentemente ocorre em suas peças, destacamos os seguintes exemplos:

(Fala de Sacatrapo em "Os encantos de Medea", 1.ª parte, Cena III)

É o amor que uma alma engole,
Sabão mole;
Pois com ele quem se esfrega,
Cobra cega,
Escorrega,
Cai aqui, cai acolá.

Assim uma alma namorada,
Esfregada,
Ensbada,
Que tropeços não fará!

(Fala de Esopo na Primeira Parte, Cena III, de "Esopaida", ou "A vida de Esopo")

Recitado
Lá vai à saúde dos Senhores,
E em suaves lições
Matarei a cruel melancolia
Em doce hidropesia
A pesar do pesar e do cuidado
Vestir quero a minha alma de encar- [nada].

Ária
Nas guerras de Baco
Sem chuva, ou baioneta,
Com esta trombeta,
Toco a degolar, tan, taran, tan, tan,

E ao som deste som, toram, tom, tom,
Tudo terá fim, tirim, tim, tim,
Prostrando as cavernas
De tantas tavernas,
Por que delax possa
Baco triunfar.

(Fala de Lidoro em "Labrindo de Creta", segunda parte, Cena III)

Se este mal que padeco hei-de mostrá-lo,
Perifrases não acho a defini-lo;
Pois quando dentro da alma sei senti-lo,
Bulbucante é o gemido a declará-lo.

Por mais que intente em vozes decifrá-lo,
Me sufoca a pesar no proféri-lo,
Pois contém este mal um tal sigilo,
Que parece é delicto o publicá-lo.

Se o tormento que nalma se resume
Reside inexplicável cá no interno
Do peito, donde sinto um vivo humo

Sômente caberá sei mal eterno,
Ou na lingua do fogo do cuíme,
Ou na boca voraz do mesmo cano.

(Fala de Tesen na Cena IV da Segunda parte da mesma peça):
Labirinto maior, mais intrincado.
Tem amor em meu peito construído,
De quem se ostenta aos golpes do [gemido],
Cinzal a mágu, artificejo o cuidado.

Na memória se vê delineado,
O tormento de um gôsto amortecido,
Na confusão da dor a bem perdido
Nunca se encontra, ainda quando achado.

A máquina mental desta estrutura
Adornam, em junestos paralelos,
Lâmina o susto, sombras a pintura:

Colunas são os miseros desvelos
Estátua o desgano se afigura,
Fio a esperança é, monstros os zeles.

A Biblioteca Nacional possui, na seção de obras raras, um volume que contém toda a obra extante de Manuel de Santa Maria Itaparica, nascido provavelmente em 1704. Dessa obra, o poema "Eustáquidos" (subtítulo: "poema sacro e trágico-cômico, em que se contém a vida de Santo Eustáquio, mártir, chamado antes Plácido, e de sua mulher e filhos") foi tido longamente como anônimo; hoje tem-se como certa a autoria de Frei Manuel, que compôs a "Descrição da Ilha de Itaparica" (lembrar a "Ilha da Maré", de Botelho de Oliveira), contida no mesmo volume.

"Eustáquidos" é de comvente e cômica ingenuidade. A versificação é em geral competente — coisa que se aprendia, então, como a ler latim. Algumas das melhores estrofes:

Jaz no centro da Terra uma caverna
De aspero, toco e lígubre edificio,
Onde nunca do Sol entrou luzerna,
Nem de pequena luz se viu indício.
Ali o horror e a sombra é sempiterno,
Por um pargente e fúnebre artificio,
Cujas janelas, que tu Monstro in- [flamas],
Respiradouros são de negras chamas.

Rodeiam este Alcázar desditoso
Lagos imundos de pulstres águas,
Onde um tremor e horror coliginoso
Penas descobre, desentranha máguas;
Fontes geladas, fumo tenebroso,
Congelam ondas, e maniquim frígidos,
Mesclado em um confusão de crueldades
Chamas a neve, o fogo frialdades.

Em um tronco deste sólio infando,
Em um torão de chamas sempre ardentes
Já Lucifer a quem estáis tragando
Aspidos negros, serpas pestilentes;
Ele com ira e com furor bramando
Se despedaça com agudos dentes,
Sendo para seu dano o eterno fado
De si próprio Fiscal e Algoz irado.

Viboras por cabelos cento a cento,
Por olhos tem dois Etnas denegros,
Por boca um Crocodilo trunco,
Por mãos dous Basiliscos retrocidos,
Por cérebro a soberba, e o tormento
Por coração, por membros os latidos,
Por pernas duas cobras sibilantes,
Por pés dous Mongibelos tem flumantes.

Da "Descrição da Ilha de Itaparica":

Os canários não fiquem esquivados,
Que tendo crua a côr pouco vistosa,
Logo vestem depois que são rozidos
A côr do nícar, ou da Tíria rosa:
Os cranquejos nos mangues escondidos
Se mariscam sem arte indístriosa,
Bizúas também se vêm, de musgo sujos,
Cernambis, mexilhões e caramujos.

Assim partem intrépidos sulcando
Os palácios da linda Panopéia,
Com cuidado solícito vigiando
Onde ressurge a sólida Boleia.
Ô gente, que juror tão escravando
A um perigo tal te sentenciano?
Como, pequeno bicho, és atrevido
Contra o monstro do mar mais des- [medido?]

V, Alexandre de Gusmão

VI, Antônio José da Silva

VII, Domingos Caldas Barbosa

Qual o ligeiro pássaro amarrado
Com um fio sutil, em cuja ponta
Vai um papel pequeno pendurado
Voa veloz sentido aquela afronto

E apenas o papel, que vai atado,
Se vê pela presteza, com que monta,
Tal o peixe afrontado vai correndo
Em seus membros atada a lancha tendo.

Já não se via o teu nome,
Bando o levou roubador;
E ficou só desgraçado
O nome do teu Pastor.

O teu nome que roubaram
A novo mel dá sabor
Seu o misto de amargura
Do nome do teu Pastor.

O MEU LIVRE CORAÇÃO

Também entre as mais frutas as ju- [queiras]
Dão pelo tronco a joca adocicada,
Que vindo lá de partes estrangeiras
Nesta Província é fruto desejado:
Não fiquem esquecidas as mangueiras,
Que dão a manga muito celebrada,
Pomo não só no gôsto delicioso,
Mas para o cheiro almiscaraloso.

Cantigas
Já de todo abandonei
De amor a cruel paixão;
Tenho em sossego no peito
O meu livre coração.

Mostro a todos em pedações
O antigo, e dura grilhões;
Tenho em doce liberdade
O meu livre coração.

Contemporâneo dos árcades, porém de índole inteiramente diversa, é Domingos Caldas Barbosa, o célebre sacerdote mulato, autor de centenas de modinhas e "lunduns" que se reproduzem por todo o Brasil, através dos anos, em mil e uma formas. Sua poesia é interessante sobretudo sob esse aspecto (alimentação da poesia popular) e pelo vocabulário muito brasileiro, por mais que mesclado de alusões clássicas. Passando grande parte da vida em Portugal (morreu em Lisboa), Caldas Barbosa (1738-1800) é mais brasileiro que vários de seus contemporâneos aqui nascidos, vividos e falecidos:

Amor não torna a prender-me,
Que me defende a razão,
A razão é quem ampara
O meu livre coração.

Ouçô os gemidos dos outros,
Vejo de outros a aflição,
Tenho dô, mas tenho livre,
O meu triste coração.

Gosto da bela, que é bela,
Quer seja ingrata, quer não,
Das ingratas ri, e zomba
O meu triste coração.

Escapei das mãos de Amor,
Dos seus golpes estou são;
Vivo livre, e em paz respiro
O meu triste coração.

"Se não tens mais quem te sirva
O teu moleque sou eu,
Chegadoinha do Brasil
Aqui 'stá que todo é teu."

LUNDUM

Gentes de bem pegou néle

Cantigas

Suas cantigas estão colecionadas em trabalho de Francisco de Assis Barbosa, reeditando, pelo Instituto Nacional do Livro (1944) a "Viola de Lerenô", cuja princeps é de 1798, Lisboa. Amostra:

Amor, o travesso Amor
Fugiu mizinho em pele,
Cai aqui, cai acolá,
Gentes de bem pegou néle.

O Amor fez travessuras,
A mãe quis chegar-lhe à pele,
Ele fugiu, colatrinho,
Gentes de bem pegou néle.

O NOME DO TEU PASTOR

Cantigas

No tronco de um verde Loiro
Me manda escrever Amor,
Misturado com teu nome,
O nome do teu Pastor:

Coitadinho! onde irá?
Temo que alguém o atropelle,
Gentes de bem o acomoda,
Gentes de bem pegou néle.

Mil abelhas curiosas,
Revoadando derredor,
Chupam teu nome, deixando
O nome do teu Pastor.

Já não tenho dô de Amor
Quem Amor mesmo assim zele,
Está muito bem guardado,
Gentes de bem pegou néle.

Onde está meu coração,
Quis unir-se a este e aquele,
Mesmo no meio dos outros,
Gentes de bem pegou néle.

De um raminho perdurado,
Nova emplumado Cantor,
Suspirava ali defronte
O nome do teu Pastor.

Amor de que eu tinha dô
Faz qu'eu assim me arrepele,
la levando-o roubado,
Gentes de bem pegou néle.

Ah, Lília, soberba Lília,
Dónde vem tanto ranco?
Tu bem vistes, mas não leste
O nome do teu Pastor.

Sóis-me o meu coração
Sem rasgar do peito a pele,
Pelas olhos me suus,
Gentes de bem pegou néle.

